

Afrocentricidade: outra história da antropologia através de antropólogos(as) negros(as) do séc. XIX e XX

Elizabeth Lima da Silva

Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)

RESUMO:

O presente trabalho busca estabelecer um campo de possibilidades para o diálogo na Antropologia Clássica com outros pensadores, etnólogos e antropólogos africanos, europeus, norte-americanos e brasileiros com produções que não obtiveram visibilidade e o título de “clássicas” por antropologia branca e hegemônica da época, mas que possuem enorme valor teórico e epistemológico para instrumentação analítico-metodológica de uma escrita antropológica contemporânea noutras bases. Dentre esses que discutiam sobre seus contextos e faziam críticas ao projeto colonial, colocando como desafio outros valores e práticas civilizatórias, podemos destacar antropólogos/as negros e negras como Joseph-Anténor Firmin (Haiti, 1850-1911), Cheikh Anta Diop (Senegal, 1923-1986) Manuel Raymundo Querino (Brasil, 1851-1923), Zora Neale Hurston (EUA, 1891-1960), Manoel Zapata Oliveiralla (Columbia, 1920-2004), Jean Price-Mars (Haiti, 1876-1969) Lélia González (Brasil, 1935-1994) e Edison Carneiro (Brasil, 1912-1972). Portanto, busco compreender sobre o silenciamento dessas contribuições na formação da Antropologia e Ciências Sociais, mas também apresentar as potentes produções acadêmicas trazidas por tais intelectuais no séc. XIX e XX.

Palavras-chave: Antropologia Clássica; História; Biografia; Estudos Decoloniais; Raça.

"[...] Em nenhum lugar nosso apagamento é mais evidente do que nas taxas de citação na Antropologia"

(Smith & Garrett-Scott, Feminist Anthropology, 2021, p. 02).

O presente texto possui dois objetivos centrais e interdependentes. O primeiro é de refletir sobre a influência dos antropólogos clássicos, e suas respectivas escolas, no projeto de colonização na vida dos povos não-ocidentais e, o segundo, de estabelecer um campo de possibilidades para o diálogo com outros pensadores, etnólogos e antropólogos africanos, europeus e americanos que discutiam sobre seus contextos e faziam críticas ao projeto colonial reafirmado pelo saber antropológico clássico em suas épocas. Sobre o segundo objetivo emerge a questão: por que antropólogos/as negros e negras como **Joseph-Anténor Firmin (Haiti, 1850-1911)**, **Cheikh Anta Diop (Senegal, 1923-1986)**, **Manuel Raymundo Querino (Brasil)**, **Zora Neale Hurston (EUA)**, **Manoel Zapata Oliveiralla (Columbia)**, **Jean Price-Mars (Haiti)**, **Lélia González (Brasil)**, **Edison Carneiro (Brasil)** e entre outros, ficaram a margem do mundo acadêmico? Mesmo que suas obras tenham contribuído com a formação da Antropologia e das Ciências Sociais, ainda assim são desconhecidos/as ou pouco estudados/as nas disciplinas de diferentes cursos universitários.

Muitas vezes quando indagamos por que não estudamos para além dos clássicos tradicionais, a resposta sempre é uma pergunta: E existiam intelectuais, clássicos, autores negros pioneiros naquela época da colonização? O pressuposto é que não existíssemos, não houvesse uma memória de nossa linhagem intelectual, que não existem trajetórias de escrituras. E o que se observa é que esses intelectuais negros, a exemplo de Joseph Anténor Firmin, foram anteriores a alguns dos considerados fundadores da antropologia clássica. O haitiano Firmin nasceu em setembro de 1850 e faleceu em outubro de 1911.

Nesse sentido, este ensaio apresenta duas discussões complementares que buscam refletir sobre os espaços de saber-poder (FOUCAULT, 2010) entre os textos considerados clássico da antropologia e estabelecer a conexão com novos lugares sociais e registros científicos, visando fortalecer os atuais caminhos da antropologia, a partir de um resgate histórico de textos escritos por antropólogos e antropólogas negros e negras contemporâneos à Morgan, Tylor, Frazer, Malinowski, Boas etc. e suas respectivas escolas.

Academia e Antropologia Clássica Tradicional (Séc. XIX-XX)

Grupos de pessoas vivendo em modelos completamente diferentes do que seriam da cultura ocidental foram percebidos como atrasados numa escala evolutiva, depravados, perigosos e que deveriam se adequar ao desenvolvimento da humanidade. Por vezes também visto como puros/inocentes e outros como demônios/perigosos. Estas impressões foram fundamentais para a legitimação das teorias racialistas¹ difundidas entre o século XVIII e XIX. No final do séc. XIX e a primeira metade do XX os estados-nações engendram diferentes efeitos da colonização. Muitas pesquisas desenvolvidas em campo por antropólogos receberam investimentos governamentais no intuito de compreenderem as culturas dos povos com a finalidade, entre outras, de instrumentalização de empreitadas coloniais. Poderíamos dizer que a antropologia desempenhou um papel, no mínimo, ambíguo no tocante a esse período. Dos três considerados fundadores da Antropologia (Lewis Henry Morgan (1818-1881), Sir Edward Burnett Tylor (1832-1917) e Sir James George Frazer (1854-1941), apenas Morgan (Norte-americano) não recebeu o título honroso de cavaleiro (Sir) pelos serviços prestados à coroa britânica. Segundo Lilia Schwarcz (2005), as pesquisas etnográficas da época também foram fortemente influenciadas pela “A origem das Espécies” de Darwin, considerando como referência os livros “Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana” (de Morgan em 1871) e “Anthropology” (de Tylor em 1878). Assim, até onde estes antropólogos fundadores estiveram envolvidos nesse processo de fabricação de subjetividades e políticas?

Os estudos promovidos por Lewis Morgan com os iroqueses levaram a perceber determinados estágios evolutivos, em que cada civilização teria que passar: selvageria, barbárie e civilização. Todavia, o mesmo autor também realizou pesquisa de campo com os iroqueses e juntou uma série de experiências e vivências que estes compartilhavam. Por isso, para alguns antropólogos, Morgan poderia ser considerado como o fundador da antropologia moderna (pela produção de suas fontes), ou pelo menos o que melhor se aproximou entre os evolucionistas de uma perspectiva antropológica aos moldes empreendidos por Malinowski e outros do século XX. Assim como Morgan, vemos em Sir Edward Burnett Tylor (1832-1917), uma forte perspectiva evolucionista, que tem como entendimento a existência de diversas etapas ou

¹ Para compreender melhor alguns aspectos deste período, indica-se o filme “Vênus Negra” de 2010, dirigido por Abdellatif Kechiche.

estágios que a humanidade (e diferentes sociedades) deveria experienciar numa linha histórica. Haveria, para Tylor estágios evolutivos múltiplos entre os diferentes povos, com múltiplas linhas temporais (TYLOR, 2005, 93). Segundo Castro (2005):

Como decorrência da visão de um único caminho evolutivo humano, os povos “não-ocidentais”, “selvagens” ou “tradicionais” existentes no mundo contemporâneo eram vistos como uma espécie de “museu vivo” da história humana — representantes de etapas anteriores da trajetória universal do homem rumo à condição dos povos mais “avançados”; como exemplos vivos daquilo “que já fomos um dia” (CASTRO, 2005, p. 14).

Nas palavras de James Frazer: “[...] o selvagem é um documento humano, um registro dos esforços do homem para se elevar acima do nível da besta” (FRAZER, 2005, p. 121). Este antropólogo tinha uma dimensão abstrata, catalográfica, simbólica e distanciada do campo de pesquisa (“antropólogos de gabinete”). Seguindo essa perspectiva, a antropologia em termos de construção epistemológica, na construção de seus postulados, métodos e teorias, tinha o *método comparativo* posto na compreensão evolutiva da sociedade humana (tendo outros povos e culturas não-ocidentais como “valiosas relíquias” desse processo histórico e evolutivo). O método comparativo daquela época foi apropriado dos estudos sobre anatomia animal e pela linguística, de modo a complementar lacunas na linha evolutiva humana. De acordo com Frazer: “[...] a legitimidade do Método Comparativo assenta-se na bem estabelecida similaridade do funcionamento da mente humana em todas as raças de homens” (FRAZER, 2005, p. 120).

Observa-se que apenas em 1931, antropólogos brancos consolidados como Franz Boas (escola culturalista norte-americana), criticaram sobre algumas teorias evolucionistas empregadas no campo antropológico a partir de sua conferência de título “Raça e Progresso”, mas ainda considerando compreensões problemáticas a partir de comparação entre animais e seres humanos, além disso, neste mesmo texto, ele considera a importância da miscigenação para o aperfeiçoamento biológico e cultural de determinados grupos, como ocorreu na Espanha e noutros países da Europa (BOAS, 2005, p. 71).

Seguindo outro caminho teórico-metodológico, vemos que o funcionalismo britânico de Malinowski, seguiu necessariamente numa etnografia que busca a compreensão de uma lógica interna inerente aos “nativos” a partir de apreensões não apenas biológicas, mas sociais e psicológicas que envolviam as relações sociais. Para entender esta lógica, se fazia primordial compreender os sistemas de relação baseados na tradição, envolvendo a magia, além de

aspectos de organização de trocas, como ocorre no caso do *Kula* para os trobriandeses (MALINOWSKI, 1979). Além do famoso “Argonautas do Pacífico Ocidental”, Malinowski produziu outros textos acerca dos povos do arquipélago de coral ao nordeste da Nova Guiné, destacando o livro “A vida Sexual dos Selvagens” (1929). Este livro tratou das relações sexuais entre estes povos, parentescos, casamento, e os costumes das práticas eróticas e afetivas, entendendo-as de modo injuntivo à própria vida social do grupo, de maneira interconectada.

Outro representante do que denominaremos de Antropologia Social foi Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881-1955). Único britânico de sua geração e seguidor de Malinowski que levou adiante os pressupostos e descobertas deste último, ampliando e consolidando uma nova tendência na abordagem antropológica que renovou os pressupostos funcionalistas vigentes até então, pois sua teoria se distinguia significativamente daquela de seu mestre. Enquanto em Malinowski o objetivo último do sistema social e suas funções seria a satisfação das necessidades individuais, mas especificamente as necessidades biológicas e psicológicas das pessoas (o que caracteriza uma espécie de individualismo metodológico influenciado por Freud), para Radcliffe-Brown o indivíduo não passaria de um produto da sociedade e um meio para a existência desta. Da mesma forma, enquanto o primeiro incitava seus alunos para irem a campo e procurarem as motivações humanas referidas à lógica da ação (seus sentidos e significados), o segundo pedia aos seus orientandos para descobrirem princípios abstratos e mecanismos gerais da integração social. Portanto, é possível realizar uma separação terminológica classificando o trabalho de Malinowski como representante do funcionalismo e o de Radcliffe-Brown como expoente do estrutural-funcionalismo.

Outro trabalho estrutural-funcionalista clássico foi escrito por Edward Evan Evans-Pritchard (1902-1973) a partir de pesquisa de campo desenvolvida com os povos Azande em 1926 - sob a ótica de uma razão filosófica moderna ao empreender suas experiências de campo - defendendo sua tese de doutorado em 1927, sendo o livro publicado dez anos depois com o título “*Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*” (1937). Seguindo uma análise histórica (sua formação inicial foi em História, na Universidade de Oxford) acerca dos Azande, dando visibilidade a outros aspectos pouco notados por Malinowski no trabalho de campo. Evans-Pritchard desenvolveu-se numa perspectiva Estrutural-funcionalista pertencente à antropologia britânica inspirada principalmente em Radcliffe Brown e por seu orientador Seligman. Todavia, no trabalho realizado com os Nuer vemos um texto que transmite condições, no mínimo, complicadas no trabalho de campo resultantes de seu posicionamento no contexto

colonial daquele período no continente africano. Isto porque o autor propôs desenvolver uma exploração funcionalista e histórica dos povos Nuer (com descrições detalhadas sobre o modo de vida desse grupo) apontando muito brevemente sobre as mudanças na realidade cultural dos Nuer sob o regime colonial britânico. Em suas poucas abordagens sobre o assunto no texto, o autor aponta que:

Seria difícil, em qualquer época, fazer pesquisa entre os Nuer, e, no período de minha visita, eles estavam extraordinariamente hostil, pois sua recente derrota pelas forças governamentais e as medidas tomadas para garantir sua submissão final tinham provocado profundos ressentimentos. Frequentemente, os Nuer têm-me dito: "Vocês nos atacam, e, contudo, dizem que não podem atacar os Dinka", "Vocês nos derrotaram com armas de fogo e nós tínhamos somente lanças. Se tivéssemos armas de fogo, nós teríamos expulsado vocês", e assim por diante. Quando eu entrava em um campo de criação de gado, fazia-o não somente na qualidade de estrangeiro, como também na qualidade de inimigo, e eles pouco esforço faziam para disfarçar a aversão à minha presença, recusando-se a responder a minhas saudações e chegando mesmo a dar-me as costas quando me dirigia a eles (EVANS-PRITCHARD, 1999, p. 17).

Para finalizar esta parte, queremos lembrar de exemplos de pesquisas etnográficas ocorridas no continente africano que abordaram as influências da colonização feitas por Max Gluckman (Escola de Manchester) e George Balandier (Escola Francesa). Assim, um processo de virada analítica começou a se desenvolver no final da primeira metade do séc. XX, inclusive com a leitura sistemática de diversos intelectuais negros africanos e na diáspora como Leopold Sédar Senghor (Senegal) e a análise situacional que privilegiava a os efeitos das transformações socioculturais de diferentes povos provocadas pela estrutura administrativa colonial.

O debate antropológico sobre a colonialidade foi construído também por africanistas franceses no final da primeira metade do século XX, mas experienciado por diferentes intelectuais considerados “nativos”, trazendo, sobretudo, um caráter político às discussões. Provindos de uma escola antropológica francesa africanista pungente neste período, consideramos os antropólogos Alfred Métraux e George Balandier como personagens importantes para os primeiros exercícios de análise do colonialismo dentro de uma perspectiva estrutural, mas também com esboços para uma antropologia aplicada e crítica.

Outro olhar da antropologia clássica através de antropólogos(as) negros(as) do séc. XIX-XX

De minha parte, afirmo que o antropólogo deve estudar o homem não apenas do ponto de vista físico, mas também do ponto de vista intelectual e moral, situando a etnografia em seu verdadeiro lugar. Eu a considero um ramo das ciências cosmológicas, pois é infalivelmente encontrada assim que se lida

com o estudo do universo. (Joseph August Anténor Firmin - Da igualdade das raças humanas: antropologia positiva, Paris, 1885)

Dando continuidade ao objetivo de construção de uma revisitação da antropologia, agora apresentarei a pesquisa bibliográfica de antropólogos negros africanos e na diáspora que são desconhecidos ou pouco estudados em disciplinas das Ciências Sociais. Considero, portanto, além de trazer discussões desenvolvidas por esses e essas intelectuais, construir uma produção científica que favorece a memorialização, dando evidência às suas existências.

Sendo assim, revisitar o passado é um compromisso ético constante nas práticas educativas. Sobre os povos originários, estes foram considerados “bárbaros”, mesmo estando em seus próprios territórios. Suas línguas foram perdendo força e prestígio, mesmo que houvesse luta pela preservação de seus idiomas. Segundo Quijano (2014), viu-se no projeto de colonização um apagamento histórico e cultural com características seletivas dos saberes e práticas tradicionais, frutos de uma memória compartilhada das comunidades a partir da oralidade que é compositora de uma cosmologia mais profunda e rica. Esse silenciamento cultural torna-se instrumento eficaz no processo de dominação eurocêntrica de modo global (QUIJANO, 2014, p. 782-783). De acordo com Kabengele Munanga (1983),

No campo intelectual, a análise das circunstâncias históricas que acompanharam o desenvolvimento das teorias e métodos utilizados pelos especialistas da África revelou as relações íntimas e sub-reptícias que sempre existiram entre a conquista colonial e os produtores do conhecimento sobre a África. Por isso, várias críticas foram e são atualmente dirigidas contra a Antropologia tradicional. Estas críticas vieram, em primeiro lugar, pelos intelectuais africanos e, em segundo lugar, dos primeiros intelectuais euro-americanos contemporâneos (MUNANGA, 1983, p. 151).

Nessa mesma direção, Joseph Anténor Firmin (1850-1911), veio antes de muitos antropólogos tradicionais e viveu intensamente o momento político e social da sua época. Em vários momentos foi pioneiro em muitas situações como, por exemplo: foi o primeiro antropólogo negro; um intelectual antirracista; aos 17 anos criou o jornal independente chamado Mensageiro do Norte; aos 18 anos se tornou professor inspetor do sistema Escolar do Cabo/Haiti e ensinava Latim, Grego e Francês; em 1879 aos 30 anos se candidata ao parlamento haitiano. Por suas produções científicas no seu país de origem (Haiti), ele foi convidado e sabatinado para estudar na França, tendo seu nome aprovado para ingressar à Sociedade de Antropologia de Paris.

Firmin, nos seus estudos sobre a antropologia, seja a partir da sua compreensão epistemológica, em seu célebre texto aberto “Da igualdade das raças humanas: antropologia positiva”, diz o seguinte:

[...] antropologia, chamada a estudar tal ser, assume uma real importância entre as outras ciências. Esta ciência, nascida ontem, recebeu, desde o início, um impulso tão vigoroso que parece já ter anos, sobrecarregada como está com fórmulas, doutrinas, métodos independentes, oferecendo juntos um aparelho imponente, mas muito difícil de manejar. Todas as demais ciências se convertem de maneira gradual em suas tributárias. O antropólogo iniciante que queira ser indiscutivelmente competente estará obrigado a aprender todos os tipos de estudos e a passar por todas as esferas do conhecimento, sem omitir nenhuma de suas partes.

Firmin afirma ainda, que em seus estudos utilizou o método positivista

Tudo o que nele possam encontrar de bom deve ser atribuído à excelência do método positivo que tentei aplicar à antropologia, baseando todas as minhas induções em princípios já reconhecidos pelas ciências definitivamente estabelecidas. Ao fazê-lo, o estudo de temas antropológicos assume um caráter cujo valor é indiscutível.

Neste sentido, a partir de suas análises, ele traz conclusões diferentes das obras dos seus contemporâneos de escolas da antropologia biológica e de método comparativo evolucionista, apresentando tabelas nas quais mostra que: os mesmos instrumentos usados para medir crânios, formatos de nariz, tamanhos dos lábios, formato do corpo, ou seja, todo esse discurso sobre o corpo, não era usado com rigor “científico” e com uma metodologia que pudesse auferir os resultados.

Portanto, Joseph Anténor Firmin diz que, esses antropólogos (de sua época), criaram uma ciência que legitima a desigualdade entre as raças, de modo frágil, fundamentadas em bases morais, preconcebidas, determinadas e racistas. Foi este pensamento que ele estabeleceu para estudar, enquanto antropólogo respaldado teoricamente e cientificamente, a fim de ter “[...] uma ideia exata da solidez dos argumentos que os naturalistas apresentam para apoiar suas conclusões”.

Entre uma constelação de outros/outras antropólogos/antropólogas negros/negras a serem destacados/as, considero aqui importante trazer a antropóloga americana Zora Neale Hurston (1891-1960), como uma referência de autora clássica não reconhecida. De acordo com Débora Wobeto (2020):

Embora tenha sido orientada por Franz Boas e fosse contemporânea de Ruth Benedict e Margaret Mead, seu prestígio não foi o mesmo de seus pares. Felizmente, pesquisas recentes de autoras como Alice Walker (1975) têm lançado um olhar atento sobre sua

obra e biografia, estimulando a localização e o reexame de suas produções. Dado o interesse póstumo sobre a obra de Hurston, a distribuidora especializada Kino Lorber se dedicou a restaurar seus filmes digitalmente, incluindo-os nas séries documentais “Pioneers of African-American Cinema” e “Pioneers: First Women Filmmakers” (WOBETO, 2020, p. 568-569).

Escritora de mais de 50 livros, antropóloga, roteirista e escritora, Zora Hurston teve suas produções artísticas e intelectuais reconhecidas também junto ao movimento *Harlem Renaissance* (década de 1920), em que estabeleceu forte rede de interlocução e proporcionou fortes pilares em sua carreira. Hurston construiu um amplo reconhecimento no campo da literatura dos EUA a partir de seus romances. Muito precisaria ser estudado sobre sua relação interdependente entre antropologia e ficção, traços apenas reconhecidos na virada antropológica das décadas finais do séc. XX. Seus textos fílmicos traziam à tona registros orais e escritos sobre música, folclore, poesia e diversas outras produções das comunidades afro-americanas, perfazendo elementos atualmente indispensáveis aos trabalhos da antropologia visual. Seu primeiro manuscrito não ficcional *Barracoon: The Story of the Last “Black Cargo”* (A História da Última Carga Negra), escrito em 1931, apenas foi publicado depois de 87 anos (2018). Seu texto com traços etnobiográficos, reconstrói a memória do último sobrevivente do comércio de pessoas escravizadas do Atlântico (entre Continente Africano e EUA), Cudjoe Lewis (1841-1935).

A pesquisadora e artista construiu uma comunicação efervescente com o Historiador, Sociólogo e Ativista negro William Edward Burghardt Du Bois e, inclusive, Valerie Boyd (2004) aponta que em cartas escritas a intelectual tinha o desejo de construir um cemitério destinado aos “negros ilustres”, visando o salvamento do esquecimento e memorialização na posteridade. Infelizmente, sua vontade de não silenciamento do passado de outras personalidades negras acabou por ser uma profecia de si mesma. Atualmente, seus trabalhos vêm sendo resgatados por Alice Walker do anonimato póstumo. Em sua lápide, que também foi restaurada atualmente e tem como escritos: “Zora Neale Hurston: um gênio do Sul - Novelista, folclorista e antropóloga”.

Estes dois autores citados, simbolizam uma constelação de antropólogos/as negros e negras do período colonial, que possuem uma vasta produção acadêmica numa perspectiva não-ocidental e eurocêntrica e que estão ainda invisíveis, silenciados. E hoje mais do que nunca, faz-se necessário a partir da revisitação e publicização das suas obras, que sejam referenciados/as tanto quanto os seus contemporâneos. Portanto, esse Movimento reivindicatório vem sendo propagado pelos antropólogos da Europa, Estados Unidos, Brasil e

outros. Entendo como importante a inserção dessa produção acadêmica nas disciplinas da Antropologia Clássica para fortalecer e dar visibilidade a um campo intelectual diversificado e com olhar diferenciado nas pesquisas sobre o continente africano e dos povos negros na diáspora.

Conclusão

Considerando de um lado a importância dos aspectos estudados na disciplina de Antropologia Clássica sobre o evolucionismo, a escola Boasiana, de Chicago, o interacionismo simbólico, a escola francesa, britânica e o Estruturalismo de Lévi Strauss, penso que a disciplina auxilia na condução do entendimento da formação acadêmica em Antropologia Social e na compreensão dos diferentes métodos de pesquisa utilizados por cada uma das escolas e antropólogos envolvidos dentro dos contextos que lhe são pertinentes. Entretanto, muitos desses métodos apresentados, entre outros, pelo Franz Boas, Malinowski e Evans-Pritchard ainda atualmente são utilizados em campo e que trazem resíduos coloniais, se não observado numa perspectiva crítica.

Por outro lado, o ensaio também traz a inquietação da não visibilidade no campo acadêmico, de outros autores, sobretudo, negros e negras que foram contemporâneos, orientados dos considerados antropólogos clássicos, mas que ficaram à margem, foram silenciados e somente agora no século XXI temos a oportunidade de acesso de traduções de suas produções acadêmicas. De acordo com o professor Messias Basques (2019), sobre Zora Hurston:

Zora Hurston não é uma autora cuja obra se resume ao período de nascimento e de institucionalização da Antropologia nos Estados Unidos. Tampouco é suficiente dizer que foi aluna de Franz Boas ou que sua trajetória deve ser compreendida pelo trânsito incomum e bem-sucedido entre a etnografia e a ficção. Trata-se de uma antropóloga que, em diversos aspectos, esteve adiante de seu tempo e que nos permite repensar a própria história da disciplina, os seus métodos e formas de escrita. A cumplicidade e o aprendizado com autores como Kossola Oluale fizeram de Zora Hurston uma das maiores escritoras do século XX. Uma antropóloga griô, cuja contribuição às ciências sociais ainda não foi devidamente reconhecida (BASQUES, 2019, p. 325).

O caráter ensaístico e propositivo de uma reflexão sobre o ensino de antropologia clássica trazido aqui e dos seus principais autores, baseada nas posições dos antropólogos africanos, como europeus e norte americano, não é algo recente. Segundo Munanga (1983):

Historicamente, a crítica africana mais virulenta à Antropologia colonial aparecera primeiramente na obra do senegalês Cheikh Anta Diop. Nestes trabalhos, que são uma crítica contra a ideologia vitoriana e precisamente contra o evolucionismo

unilinear, o autor utiliza todos os conceitos-chave da Antropologia pré-Clássica, mas com a finalidade de reverter seu conteúdo ideológico, ou seja, de destruir a ideologia imperial em si mesma. Assim, contra os textos vitorianos, que falaram da superioridade da “civilização” e da inferioridade do universo africano pré-colonial, Anta Diop propôs a visão de uma África potente e feliz (MUNANGA, 1983, p. 152).

Considerando os desdobramentos dos impactos negativos que a colonização europeia causou aos povos originários e a população negra no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos, enfim, no mundo é incalculável. Mas os desafios para a sobrevivência, resistência para continuar vivos e a permanência dos seus costumes, crenças, idiomas e culturas, precisam ser evidenciados, visto que até os dias atuais, vários projetos colonizadores e resquícios foram e são idealizados por alianças e acordos para excluir, negar e ocultar as culturas, cosmologias, crenças e idiomas, pois o objetivo maior era manter o pensamento único eurocêntrico da monocultura enquanto projeto ideológico, universal e político. Os estudos realizados para barbarizar o subalterno, e ainda o expropriar de sua condição de sujeito, escravizar seu corpo e mente, e aludir uma consciência de ser humano inferior. Neste sentido, não há como medir um distanciamento entre civilização e barbárie, mas é preciso revisitar a história quando a própria civilização tende a revogar conscientemente o estatuto humano instituindo uma ideia universal, opressiva e dissonante de civilidade (CESAIRE, 1978, p. 20).

Portanto, reafirmo que a disciplina Antropologia Clássica, trouxe aprendizado de suma importância para reconhecermos os autores e seus métodos de pesquisa em determinado período de histórico do processo de construção da Antropologia como ciência e por outro lado acho de suma importância neste mesmo período conhecer, identificar e estudar autores como Zora Neale Hurston e Joseph-Anténor Firmin que possuem uma escrita científica crítica à produção intelectual instituída no campo antropológico de suas épocas. Esses autores trazem consigo trajetórias intelectuais, formas de escrita e abordagens que são sementes para a compreensão de temas tão recorrentes em nossos campos de pesquisa, ao tratar de temáticas como raça e etnicidade - em princípio, pois as possibilidades ainda não estão totalmente identificadas. Mas, sobretudo, pensar a condição da população negra em África e na diáspora, na produção de identidades, alteridades e políticas no regime colonial vigente e suas marcas nos dias atuais, seja por via instituída teórica e metodologicamente ou por caminhos visionários e mesclados em estruturas literárias (como feito por Zora Hurston). É um campo de possibilidades para a revisitação do conceito de “clássico” e inspiração científica para os caminhos trilhados no presente pela antropologia social.

REFERÊNCIAS

BASQUES, Messias. Diários de Antropologia Griô: etnografia e literatura na obra de Zora Hurston. Ensaio Bibliográfico. **Revista Antropológicas**. Ano 23, 30(2): 316-326, 2019.

BOAS, Franz. **A formação da antropologia americana**, 1883-1911. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004. 423p.

_____. As limitações do método comparativo da antropologia. In: CASTRO, Celso (Org.). **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2004, p. 25-52.

_____. Raça e progresso. In: CASTRO, Celso (Org.). **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2004. p. 67-86.

CESAIRÉ, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1. ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 2005.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Edição resumida e introdução de Eva Gillies; tradução de Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2005.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 276 p.

FIRMIN, Joseph Auguste Anténor. **De l'Égalité des races humaines: anthropologie positive**. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010

FRAZER, James George. O escopo da antropologia social. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural**. Org. Celso Castro – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 2005.

HURSTON, Zora Neale. 2018. Barracoon: the story of the last 'Black Cargo'. Editado por Deborah Plant. New York: Amistad. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**. Ano 23, 30(2): 316-326, 2019.

MORGAN, Lewis Henry. A sociedade antiga ou investigações sobre as linhas do progresso humano desde a selvageria, através da barbárie, até a civilização. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural**. Org. Celso Castro – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Antropologia Africana: Mito ou Realidade?** Revista de Antropologia, (26), 1983, p. 151-160.

TYLOR, Edward Burnett. A ciência da cultura. In: CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo cultural**. Org. Celso Castro – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 2005, pp.67-99.

CESAIRÉ, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 1. ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014.

WOBETO, Débora. Fieldwork Footage: Descobrimdo Zora Neale Hurston. **ILUMINURAS**, v. 21, n. 53, 2020.

Smith, C. A.; GARRETT-SCOTT, Dominique. ‘We Are Not Named’: Black Women and the Politics of Citation in Anthropology.” **Feminist Anthropology** 2, no. 1: p. 18–37, 2021.